

# APRENDA O LATIM MEDIEVAL



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor  
MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade  
TERESA DIB ZAMBON ATVARIS



Conselho Editorial

Presidente  
MÁRCIA ÁBREU

ANA CAROLINA DE MOURA DELFIM MACIEL – EUCLIDES DE MESQUITA NETO  
MÁRCIO BARRETO – MARCOS STEFANI  
MARIA INÊS PETRUCCI ROSA – OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR.  
RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

Monique Goullet  
Michel Parisse

APRENDA O LATIM MEDIEVAL  
MANUAL PARA UM GRANDE COMEÇO

EDITORIA  
UNICAMP

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO  
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

---

G74a Goulet, Monique  
Aprenda o latim medieval: manual para um grande começo /  
Monique Goulet, Michel Parisse. – Campinas, SP: Editora da  
Unicamp, 2019.

1. Língua latina – Estudo e ensino. 2. Língua latina – Gramática.  
3. Latim medieval. 4. Língua latina – Tradução. I. Parisse, Michel.  
II. Título.

CDD – 470.07

– 478

– 477

– 471

ISBN 978-85-268-1483-7

---

Título original

*Apprendre le latin médiéval & Traduire le latin médiéval*

Copyright © Editions A. et J. PICARD  
1996 (primeira edição), 2009 (terceira edição) & 2003

Copyright © by Monique Goulet e Michel Parisse  
Copyright © 2019 by Editora da Unicamp

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.  
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,  
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.  
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp  
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar  
Campus Unicamp  
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil  
Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728  
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

# SUMÁRIO

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA .....	7
PREFÁCIO À EDIÇÃO FRANCESA .....	9
INTRODUÇÃO .....	13
LIÇÃO 1 – A 1ª E A 2ª DECLINAÇÕES. OS ADJETIVOS QUALIFICATIVOS DA 1ª CLASSE .....	25
LIÇÃO 2 – A 1ª E A 2ª CONJUGAÇÕES. OS TEMPOS DO <i>INFECTUM</i> . AS CONJUNÇÕES DE COORDENAÇÃO .....	35
LIÇÃO 3 – OS TEMPOS DO <i>PERFECTUM</i> (INDICATIVO ATIVO E PASSIVO). O VERBO <i>SUM</i> (SER) E SEUS COMPOSTOS. AS CONJUNÇÕES DE SUBORDINAÇÃO SEGUIDAS DE INDICATIVO .....	45
LIÇÃO 4 – A 3ª DECLINAÇÃO. AS NEGAÇÕES .....	53
LIÇÃO 5 – OS ADJETIVOS QUALIFICATIVOS DA SEGUNDA CLASSE. OS ADVÉRBIOS DE MODO. O APOSTO .....	61
LIÇÃO 6 – OS PRONOMES PESSOAIS. O PRONOME SUBSTANTIVO E ADJETIVO ANAFÓRICO <i>IS</i> , <i>EA</i> , <i>ID</i> . A EXPRESSÃO DA POSSE .....	71
LIÇÃO 7 – A 3ª E A 4ª CONJUGAÇÕES. O PRONOME RELATIVO E A ORAÇÃO SUBORDINADA RELATIVA .....	79
LIÇÃO 8 – OS PARTICÍPIOS. O ABLATIVO ABSOLUTO .....	89
LIÇÃO 9 – OS VERBOS DEPOENTES. OS VALORES DO ABLATIVO .....	97

LIÇÃO 10 – O INFINITIVO. A ORAÇÃO INFINITIVA .....	105
LIÇÃO 11 – OS VERBOS IRREGULARES. OS VERBOS IMPESSOAIS. OS VERBOS DEFECTIVOS .....	115
LIÇÃO 12 – O SUPINO. O GERÚNDIO. O ADJETIVO VERBAL OU GERUNDIVO .....	123
LIÇÃO 13 – A 4 <sup>a</sup> E A 5 <sup>a</sup> DECLINAÇÕES. O ACUSATIVO, O GENITIVO E O DATIVO .....	129
LIÇÃO 14 – OS PRONOMES ADJETIVOS DEMONSTRATIVOS. <i>IDEM, IPSE</i> .....	139
LIÇÃO 15 – OS PRONOMES ADJETIVOS INDEFINIDOS <i>ALIUS</i> E <i>ALTER</i> . OS COMPLEMENTOS E ADVÉRBIOS DE LUGAR .....	147
LIÇÃO 16 – OS NÚMEROS. O TEMPO. O CALENDÁRIO .....	155
LIÇÃO 17 – OS PRONOMES ADJETIVOS INDEFINIDOS (CONTINUAÇÃO), INTERROGATIVOS E EXCLAMATIVOS.....	169
LIÇÃO 18 – O SUBJUNTIVO (BRASIL) / O CONJUNTIVO (PORTUGAL).....	177
LIÇÃO 19 – AS ORAÇÕES COMPLETIVAS CONJUNCIONAIS.....	185
LIÇÃO 20 – O SUBJUNTIVO (CONTINUAÇÃO).....	195
LIÇÃO 21 – A INTERROGAÇÃO DIRETA E INDIRETA.....	201
LIÇÃO 22 – O IMPERATIVO. A EXPRESSÃO DA ORDEM E DA PROIBIÇÃO.....	207
LIÇÃO 23 – O DISCURSO INDIRETO (OU ESTILO INDIRETO).....	213
EXERCÍCIOS PRÁTICOS DE TRADUÇÃO – ANTOLOGIA DE TEXTOS COM TRADUÇÃO E NOTAS POR PAULO FARMHOUSE ALBERTO, CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS, UNIVERSIDADE DE LISBOA.....	219
LÉXICO.....	261

# PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

*Marcelo Santiago Berriel*

Quando, em 2012, a professora Monique Goulet ministrou uma oficina de latim medieval organizada pelo Núcleo de Estudos sobre Narrativas e Medievalismos (Linhas) e realizada nas dependências do *campus* de Nova Iguaçu da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, estudantes e pesquisadores brasileiros tiveram a oportunidade de conhecer, na prática, o método cuidadoso e prático do *Apprendre le Latin Médiéval – Manuel pour grands commençants*, obra de inestimável contribuição aos estudos medievais de autoria da professora em questão e de Michel Parisse. Os autores do manual dispensam apresentações, suas publicações e pesquisas os notabilizam há décadas. Cabe-nos aqui apenas ressaltar a importância da edição desta obra que chega ao público lusófono.

Publicado em 1996 (e sempre reeditado desde então), o manual ganha agora sua versão em língua portuguesa. Versão que não se caracteriza apenas por ser uma importante ferramenta para estudantes e pesquisadores, mas também por ser produto de um volumoso trabalho em equipe envolvendo pesquisadores de três países. Ao lado dos pesquisadores brasileiros do Linhas, trabalharam zelosamente os pesquisadores do Centro de Estudos Clássicos, da Universidade de Lisboa, além, obviamente, do acompanhamento sempre atento de Monique Goulet.

Desde que o projeto para esta tradução foi iniciado, os professores do Linhas conseguiram construir acordos profícuos com os colegas portugueses, o que resultou em uma edição ímpar, sobretudo considerando que a contribuição destes proporcionou que a obra ganhasse uma de suas características mais dignas de nota: os *Exercises Pratiques de Traduction* do original em

francês foram completamente adaptados com fontes concernentes à história medieval portuguesa, presenteando o leitor lusófono com uma *selecta* planejada e direcionada às suas características específicas (tendo em vista que a maioria dos medievalistas de língua portuguesa pesquisa temas ligados ao medievo português). O leitor tem em mãos, portanto, mais do que uma boa tradução de um importante manual de latim medieval, o fruto de um trabalho coletivo internacional concebido para auxiliar nas pesquisas dos interessados nas lições aqui contidas.

# PREFÁCIO À EDIÇÃO FRANCESA

*Monique Goullet e Michel Parisse*

Nosso método de aprendizagem do latim medieval resulta da seguinte constatação: atualmente, não há, no mercado, nenhum manual simples e acessível a um público mais vasto, capaz de oferecer a um estudante não especializado em latim a possibilidade de dominar, em um ano, os rudimentos dessa língua. Ora, se quisermos chegar à leitura eficaz dos textos, devemos reconhecer que a aprendizagem linguística possui um estatuto de disciplina autônoma. Permita-nos que citemos aqui, Strecker:

Todas as disciplinas [...] que devem utilizar incessantemente as fontes medievais conduziram no seu seguimento ao estudo da língua médio-latina. Mas essas disciplinas subordinaram esse estudo à sua própria atividade; elas lhe subestimaram as dificuldades, de tal maneira que surgiu a ideia de que a filologia da Idade Média era um domínio aberto a todos e no qual todos poderiam brilhar. E, no entanto, nunca será demais insistir no fato de que o latim medieval não é uma ciência auxiliar, mas sim uma disciplina independente e que deve ser estudada do mesmo modo que os outros ramos do conhecimento.<sup>1</sup>

*A priori*, pode parecer estranha a pretensão de aprender o latim medieval, na sua especificidade, sem antes começar pela aprendizagem do latim clássico. Evidentemente, não é nem o mais lógico nem o mais fácil, uma vez que os próprios autores medievais eram formados na escola do latim clássico. Desejando atender às necessidades de um público não especializado, que precisa aceder, rapidamente, às fontes medievais, optamos assim por expor, em cada lição, em primeiro lugar os elementos básicos do latim clássico, que constitui a base do latim medieval, e, em seguida, as modificações linguísticas ocorridas

durante a Idade Média. Se, por um lado, para facilitar a tarefa aos estudantes que já se beneficiaram de alguma iniciação no latim durante o percurso de seus estudos, nós, na maior parte do tempo, conservamos os paradigmas<sup>2</sup> do latim clássico, por outro, selecionamos os exemplos e os exercícios em textos medievais,<sup>3</sup> porque é sobretudo na esfera lexicográfica e conceitual que se revela como a língua medieval difere da língua clássica, pelo menos, até o século XIII.

Esta obra é fruto de uma experiência pedagógica realizada entre os anos de 1993-1995, dirigida aos estudantes de licenciatura que, desejando empreender um mestrado e um doutorado em história medieval, não tinham, durante o ensino médio, estudado latim. Os manuais de iniciação ao latim clássico, aliás excelentes quanto ao resto, porém concebidos para estudantes de letras ou de línguas, revelaram-se inadequados em função dos seus objetivos, dos seus métodos e do tempo de aprendizagem requerido.

Na realidade, o ensino de latim não pode ocupar um lugar excessivo no emprego do tempo de um estudante de história. O horário ideal seria duas horas semanais: uma voltada à explicação da lição, à repetição das declinações e das conjugações, à análise das formas, e outra dedicada ao contato com os textos. Os primeiros estudantes que utilizaram este manual tiveram apenas uma hora semanal de curso. Eles admitiram que lhes seriam necessárias, em geral, mais de duas horas de trabalho pessoal e, para alguns, até mesmo quatro horas semanais para que conseguissem assimilar adequadamente o programa. Um número razoável deles já tinha frequentado cursos de latim clássico, durante o ensino médio, mas reconhecia que não havia absorvido um conhecimento suficiente. A perspectiva de um latim “mais fácil” parecia-lhes atraente. Após um ano, eles tinham aprendido acerca *do* latim e não *o* latim. Assim, sabiam o bastante para não mais temer abordar textos nessa língua. Caso se dispo- nha apenas de uma hora de curso por semana, convém que o estudante estude sozinho a lição e prepare os exercícios de aplicação, para que a aula possa ser dedicada a resolver as dificuldades de compreensão e a dar explicações complementares. No fim de cada lição, encontra-se uma lista com uma dezena de palavras para a memorização. Trata-se, evidentemente, do mínimo necessário para que se estabeleça o hábito do estudo. Na verdade, os progressos serão tanto mais rápidos quanto mais depressa o estudante retiver o conjunto do vocabulário das lições, que pertence, em sua quase totalidade, ao léxico básico do latim medieval.

Este manual não é autossuficiente, embora dê indicações sobre a morfologia e a sintaxe, sobre a etimologia dos vocábulos e o seu léxico. A utilização sistemática e regular de um dicionário e de uma gramática de latim clássico é obrigatória, porque não existe uma gramática usual<sup>4</sup> nem um dicionário completo de latim medieval. A aquisição desses instrumentos é indispensável, uma vez que, no presente método, nem tudo é objeto de uma explicação sistematizada e detalhada. O acesso à tradução precisa e correta exigirá longos anos de treinamento, e sai do âmbito destes rudimentos.

Agradecemos, inicialmente, aos estudantes das universidades de Paris I e de Nancy II que serviram como cobaias. Eles aceitaram fazer preciosas observações, dar-nos suas impressões e também nos encorajaram. Destacamos, igualmente, o acolhimento dado à nossa iniciativa por parte de numerosos colegas aos quais somos gratos.

## Notas

- <sup>1</sup> K. Strecker. *Introduction à l'étude du latin médiéval*. Paris, Presses Universitaires de France, 1946, p. 10.
- <sup>2</sup> Chamamos de paradigma um modelo de declinação ou de conjugação.
- <sup>3</sup> Para evitar que se alongue nossa apresentação, não daremos as referências das frases isoladas utilizadas nos exemplos ou nos exercícios. O caráter edificante de muitos de nossos exemplos e de nossos exercícios explica-se, precisamente, pela nossa vontade de os retirar, diretamente, das fontes medievais, no seio das quais os textos com objetivos religiosos ou morais estão sobrerrepresentados.
- <sup>4</sup> Assinalamos, no entanto, a publicação da gramática de Peter Stotz. Cf. P. Stotz. *Handbuch zur lateinischen Sprache des Mittelalters*. Munich, Beck, 1996, 5 volumes, especificamente o volume 3, *Lautlehre* (Fonética), e o volume 4, *Formenlehre, syntax und stilistik* (Morfologia, sintaxe e estilística), 1998.

**O**mnib; notū fieri uolum⁹. qđ Gaussfred⁹ de bayaccio ca-  
 lūniabatur nob̄ monachis felicē maioris monasterii  
 apud dalmariacū manentib; terrā quandā quā Rai-  
 nard⁹ cognomīto choeri⁹. & uxōr ei⁹ nomine maria de  
 rogatio nob̄ dederant p̄ammab; suis. p̄pterea felicē  
 qđ filiā eorū richildē nomine dixerat conjugē. Postea  
 ū p̄p̄tē dei & beati martini amorē atq; n̄m concessit  
 eā nob̄ in p̄petuū corā girardo de doxero. accipiens inde  
 quasi p̄ caritate centū. solidos. à dono Et̄naldo ipsi⁹  
 tunc obedientie p̄ale. Girardo eodē concedente. &  
 p̄p̄tē ipsā concessione xx. solidos. recipiente. Cui⁹ utriq;  
 concessions testes h; sunt. Jaguelin⁹. Hamard⁹ de  
 p̄raia. Drogo famul⁹. hūbē nigrū dorsū. Rainar-  
 do de cortice. Postea quoq; in die exaltationis scē  
 crucis. p̄reerunt simul ad castrū qđ marefelon  
 dicitur. sup̄ dicit⁹ p̄ra. & p̄ dicit⁹ Girard⁹. Vbi superi⁹  
 memoratus Gaussfred⁹ fecit uxōrē suā richildem  
 nomine. & filiū suū ac filiā concedere qđ ipse pri⁹  
 de terra sup̄ memorata concesserat. Quib; utriq;  
 dedit ipse monachus. .iiij. denarios testib; h;.  
 Jaguelino. Algerio de dalmariaco. Rainaldo  
 beichart. Drogone famulo.

# INTRODUÇÃO

## 1 – O LATIM MEDIEVAL

A história do latim medieval estende-se do século V ao século XV. Em mil anos, essa língua conheceu uma lenta evolução e passou por tantas transformações quanto tinha passado durante os oito séculos que compreendem o período chamado de Antiguidade clássica e, após, a Antiguidade tardia (do século III a.C., data dos primeiros testemunhos literários, ao século V d.C.). Assimilando, abusivamente, o latim clássico ao de Cícero, esquecemos que a língua de Plauto (século III a.C.) era bem diferente da de Plínio (século I d.C.) e que, por razões cronológicas e estéticas, ambos se distinguiam da língua de Cícero (século I a.C.) ou do seu contemporâneo Lucrecio, embora o latim de Cícero e o latim de Lucrecio fossem diferentes entre si. Desde o fim do Império Romano, numerosas transformações já tinham ocorrido no que, às vezes, ainda chamamos de baixo-latim. Além disso, depois do século XV, o latim permaneceu vivo e, da literatura do Renascimento até o século XVIII, há um número considerável de poemas e de peças de teatro escritas em latim. Enfim, o vigor desse neolatim foi tal que, até o início do século XX, era em latim que se apresentavam as teses complementares\* ao doutorado de Estado. Assim, percebemos que a Idade Média é apenas uma etapa na longa história da língua latina.

Portanto, não é pertinente opor o latim medieval ao clássico e apresentar o primeiro como uma degradação do segundo. Antes de mais nada, as singularidades adquiridas pelo latim ao longo dos séculos não seriam capazes de

---

\* As teses complementares ao doutorado de Estado eram teses curtas, escritas em latim, cujo tema deveria ser diferente do tema da tese de doutorado de Estado, mas que eram obrigatórias para a obtenção do título. (N. da T.)

esconder sua continuidade filológica, uma vez que, entre os diferentes estados do latim, há uma lenta diferenciação e não oposições capazes de realizar uma ruptura. A compreensão do latim medieval impõe que se considerem as contribuições do latim cristão do período chamado de Antiguidade tardia, no curso do qual se constitui um verdadeiro idioma específico ao universo do cristianismo, do qual ele assume novos conceitos. Assim, o latim medieval é formado mais por enriquecimentos sucessivos do que por rupturas. Além disso, foi o latim clássico que serviu de modelo e de ideal aos “instrutores” de Carlos Magno, aos quais devemos o reaparecimento de algumas obras latinas redigidas durante o período que chamamos de Renascimento Carolíngio, e que inaugura vários séculos de uma vivaz literatura latina. Em uma certa medida, então, a leitura do latim medieval não é extremamente diferente da do latim clássico, ainda mais porque os textos propostos ao historiador raramente são anteriores ao século IX.

Em compensação, também não seria justo negar a característica errônea, surpreendente e, mesmo, anômala de alguns textos merovíngios, que foram qualificados por alguns como “latim de cozinha”, e que se explica, ao mesmo tempo, pelo declínio da cultura, que prejudicou a transmissão da tradição latina, e pela influência da língua falada.<sup>1</sup> Tal estado de degradação tornou necessário o esforço de normatização do Renascimento Carolíngio. Segundo a mesma ordem de ideias, o latim medieval, que somente era falado em circunstâncias muito particulares,<sup>2</sup> jamais constituiu uma língua materna e, sobretudo a partir do século XIII, era frequentemente apenas a transcrição de um pensamento cuja expressão natural teria sido em uma língua vernacular, como, por exemplo, o francês, o italiano ou o alemão. O latim medieval deixou de ser uma língua materna para se transformar, segundo a fórmula de um linguista, na “língua pátria da república dos letrados”, ou seja, um idioma supranacional, utilizado por toda a Europa exclusivamente como língua culta, literária, técnica, administrativa ou jurídica. Se apresenta a mesma correção que o latim clássico, ele o deve mais aos tratados dos gramáticos e aos seus exercícios de imitação do que ao seu próprio curso natural. Diante dessa trama linguística comum, é necessário que nos esforcemos também para nos familiarizar com as particularidades de cada época, com os gêneros literários e com os autores, sobretudo no plano do léxico, cuja compreensão está ligada à dos *realia* e dos conceitos do universo medieval.

Há, no entanto, uma outra coisa. Contrariamente aos textos antigos, os textos medievais podem ser lidos, diretamente, em manuscritos cuja redação é contemporânea (ou quase) da sua elaboração. Ler e compreender o latim medieval é também percorrer, diretamente, as cartas, os sermões, as preces, as crônicas, resolvendo, corretamente, as abreviaturas, decifrando, convenientemente, a grafia. Isso explica algumas particularidades deste livro, cuja pretensão é a de ser um manual de aprendizagem para uso daqueles que vão confrontar-se não apenas com as edições, mas também com as fontes originais, frequentar os arquivos, ler os manuscritos medievais.

## Referências bibliográficas

- BLAISE, A. *Manuel du latin chrétien*. Strasbourg, Le Latin Chrétien, 1955.
- BODSON, A.; DUBUISSON, M. & FAMERIE, E. *Méthode de langue latine pour grands commençants et étudiants*. Paris, Nathan, 1989 (latim clássico).
- BOUET, P.; CONSO, D. & KERLOUEGAN, F. *Initiation au système de la langue latine. Du latin classique aux langues romanes*. Paris, Nathan, 1975 (A abordagem sincrônica foi completada por um estudo diacrônico que considera o sistema do latim literário clássico, o do latim chamado vulgar e o do latim falado da alta Idade Média).
- COLLINS, J. F. *A primer of ecclesiastical latin*. Washington D.C., CUA Press, 1985.
- DÉLÉANI, S. & VERMANDER, J.-M. *Initiation à la langue latine et à son système*. Vol. I: *Manuel pour grands débutants*. Paris, Sedes, 1975 (latim clássico).
- MAROUZEAU, J. *La traduction du latin: Conseils pratiques*. 5. ed. Paris, Belles-Lettres, 1969.
- NORBERG, D. *Manuel pratique de latin médiéval*. Paris, Picard, 1968 (Contém um breve histórico do latim medieval e uma antologia de textos que, em sua maioria, são literários).
- QUEDNAU, L. R. *O acento do latim ao português arcaico*. Tese de doutorado. Porto Alegre, Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000.
- SIDWELL, K. *Reading medieval latin*. Cambridge, Cambridge University Press, 1995 (Antologia de textos apresentados e comentados).
- STOCK, L. *Gramática de latim*. Lisboa, Editorial Presença, 2000.
- STOTZ, P. *Handbuch zur lateinischen Sprache des Mittelalters*. Munich, Beck, 1996, 5 volumes.

STRECKER, K. *Introduction à l'étude du latin médiéval* (Traduzido do alemão por P. van de Woestijne). 6. ed. 1971. Paris, Presses Universitaires de France, 1946, re-  
visão de R. B. Palmer, *Introduction to medieval Latin*, 1957.

## 2 – A PRONÚNCIA DO LATIM

### a) A pronúncia “restaurada” do latim clássico

Embora seja possível reconstituir, facilmente, a pronúncia do latim nas diversas épocas nas quais foi falado, seria muito difícil colocá-la em prática, essencialmente por duas razões: em primeiro lugar, o latim clássico compreendia, além de sons desconhecidos do português, uma sucessão de sílabas longas e breves, e uma acentuação estranha ao caráter da nossa língua;\* por outro lado, a pronúncia do latim evoluiu, ao longo do tempo, e também se diferenciou bastante em cada região, influenciada, em diversos níveis, pelas falas regionais.<sup>3</sup> Então, se foi estabelecida uma convenção, há alguns anos, sobre uma pronúncia dita restaurada do latim clássico, a qual sabemos, aliás, que é muito aproximativa, por outro lado, não há uma “vulgata” para o latim medieval e não é possível tê-la.

Por isso, por uma preocupação essencialmente prática de uniformização, propomo-nos adotar a pronúncia restaurada, por mais artificial e convencional que seja, corrigida à luz das principais modificações fonéticas ocorridas ao longo do tempo.

Latim	Equivalente em português	Exemplos
e	ê	<i>nomine</i> (= nominê)
c	k	<i>certum</i> (= kertum)
g	g(u)	<i>gens</i> (= guenns)
qu	qw/kw	<i>utrique</i> (= utrikwê)
s	ss	<i>quasi</i> (= quassi)
x	ks	<i>exalta</i> (= eksalta)
h	aspiração (já não se pronuncia)	<i>hi</i> (= hi)
kh	k	<i>charitas</i> (= karitass)

\* Os autores referem-se naturalmente à língua francesa. O português conserva sem grandes alterações a acentuação latina. (N. da T.)

Todas as letras são pronunciadas e sempre da mesma forma: *deus* = dêuss, *haud* = háud (com aspiração) etc. Na pronúncia restaurada, não há nasalização, isto é, *mentem* é pronunciado <menntemm>, o que, certamente, não se conforma com a realidade histórica: as consoantes finais nasalizam, provavelmente, a vogal, mesmo na época clássica.

O *s* antes de consoante (*sc*, *sch*, *sp*, *st*) é sempre pronunciado separadamente, como, por exemplo, *sceptrum* = s-ceptrum; *schola* = s-chola; *spiritus* = s-piritus; *studium* = s-tudium.\*

b) Principais modificações da pronúncia do latim medieval em relação ao latim clássico

No latim clássico, *ae* e *oe* eram ditongados. No entanto, no latim medieval, eles foram monotongados em *e*, o que é confirmado pela grafia dos manuscritos, nos quais, por exemplo, *cenobium* é a grafia habitual da palavra *coenobium*, e *ecclesie* é a grafia ordinária da forma *ecclesiae* (encontramos, além disso, frequentemente, *æcclesie*). É conveniente ler *e* tanto para *ae* quanto para *oe*. Nos manuscritos, a terminação *-ae* do latim clássico pode então ser expressa por *-ae*, *-e*, ou ainda por um *e* cedilhado, que são grafias diferentes de um mesmo fonema.

A letra *y* era estrangeira ao alfabeto latino, como indica o seu nome em francês (= *i grego*).\*\* Transcrição do *upsilon* grego, lia-se, primitivamente, o *y* como o *ü* francês em um certo número de palavras oriundas do grego: *presbyter* pronunciava-se *presbüter* no latim clássico. No latim medieval, ele substituiu, frequentemente, o *i* (*lacryma* é uma grafia medieval de *lacrima*) e sempre era pronunciado como *i*, mesmo no caso das palavras com origem grega: *presbyter* pronunciava-se *presbiter*.

No latim clássico, *-c* sempre era pronunciado como *-k*, mesmo antes de *-e* ou *-i*. No latim medieval, havia assibilação, o que significa que *-ci* pronunciava-se *-sí* e que *-ce* pronunciava-se *-se*. Contudo, a presença, no interior de um mesmo modelo de declinação, de formas não assibiladas deve ter exercido uma influência: assim, *amicis* pôde continuar a ser pronunciado *amikis*, sob a influência da

\* Informação extraída do livro de Stock, 2000, p. 9. (N. da T.)

\*\* Em francês, a letra *y* chama-se *i grec*, isto é, “i grego”. (N. da T.)

forma *amicus*, que se pronunciava *amikus*. No latim clássico, a pronúncia de *-tia* era claramente diferente da de *-cia*. No latim medieval, como comprova a grafia dos manuscritos, a pronúncia de *-ti + vogal* passou a ser idêntica à de *-ci + vogal*. Assim, encontraremos, indiferentemente, *patientia*, *patiencia*, *paciencia*.

O latim medieval, como o latim clássico, ignorava *j* e *v*. Em português, usamos *j* e *v* para transcrever *i* e *u* em uma situação de semiconsoante, ou seja, na posição inicial ou intervocálica, como, por exemplo, em *iam* (= *jam*), *Troia* (= *Troja*), *uos* (= *vos*), *triuium* (= *trivium*). Contudo, alguns escribas usavam as letras *v* e *j*. Encontramos tanto *uillaume* quanto *villaume*, que os editores transcreveram *Willelmus*. O problema da transcrição dessas duas letras é muito debatido pelos especialistas em edição de textos medievais. É conveniente pronunciar *j* como *i*, e *v* como *u*.

Algumas palavras do latim clássico, que se aprenderão com o uso, viram sua pronúncia e sua ortografia modificarem-se durante a Idade Média. Por exemplo, *mihi* (forma do pronome pessoal da 1ª pessoa do singular) transformou-se em *michi*, e *nihil* (= nada) transformou-se em *nichil*.

A letra *-h* pode juntar-se a *-c*, *-t* ou *-p* (*charitas* = *caritas*, caridade) ou, ao contrário, cair após essas mesmas letras (*spera* = *sphera*, esfera). Ela também pode juntar-se ou cair quando em posição inicial (*ortus* = *hortus*, jardim; *hac* = *ac*, e). Encontramos *-t* por *-d* e vice-versa (*set* = *sed*, mas). Um *-p* chamado epentético foi, frequentemente, introduzido entre *-m* e *-n* para evitar a assimilação desses dois sons (*columpna* = *columna*, coluna).

Expomos, enfim, de forma sucinta, a questão do acento e da quantidade silábica. No latim clássico, o acento da palavra era de altura (ou seja, melódico), uma vez que a sílaba acentuada era pronunciada em um tom mais elevado. Assim, afeta sempre a primeira sílaba de uma palavra dissílaba e, se ela for longa, a penúltima sílaba de uma palavra de três ou mais sílabas. Se a penúltima for breve, a antepenúltima sílaba receberá o acento. Os monossílabos são também acentuados, à exceção de certas palavras (preposições, conjunções):

*quod*, *clérus*, *tabernáculum* (*-cu* breve); *testaméntum* (*-men* longo)

A quantidade (= a duração) das vogais é dada pelo dicionário, porém poderemos reter elementos simples de prosódia: uma vogal seguida de uma outra vogal é sempre breve; uma sílaba é longa se contiver uma vogal longa

por natureza, um ditongo ou uma vogal breve em posição fechada, ou seja, seguida de duas consoantes.

No latim medieval, deixamos de diferenciar as sílabas breves e as longas. Além disso, o acento mudou de natureza sem mudar de lugar. Ele se transformou em um acento de intensidade, ou seja, a sílaba sobre a qual foi colocado é pronunciada com mais força. Essa evolução explica a passagem do latim clássico ao medieval e, em seguida, ao português, cuja tendência foi a da manutenção do acento na mesma sílaba em que se encontrava no latim medieval,\* de uma palavra como *dóminus* < *dómnus* < *dom*. Esses fenômenos complexos, cujos detalhes não aprofundaremos, são importantes para compreender a passagem do latim às línguas românicas, de um lado, e o sistema de versificação do latim clássico e do medieval, de outro.

Em conclusão, devemos reter que a nossa pronúncia do latim medieval será sempre muito aproximativa e, mesmo sem garantia de autenticidade histórica, contentar-nos-emos em ser coerentes.

### 3 – A LEITURA DOS TEXTOS

#### a) Os textos editados

A maioria dos textos medievais editados é pontuada segundo as regras em vigor nos locais e nas datas de sua edição e não segundo a pontuação original do manuscrito. Além disso, os editores modernos distinguem os nomes próprios dos comuns, atribuindo-lhes uma letra inicial maiúscula. Os princípios da pontuação medieval eram diferentes dos nossos pelos símbolos usados e pela utilização que se fazia deles. Em todo caso, seria simplista declararmos, com base em alguns textos, que os escribas da Idade Média não sabiam pontuar ou que pontuavam segundo a sua imaginação.

A pontuação utilizada atualmente segue regras diferentes segundo os países, não tanto pela utilização do ponto final, que representa uma grande pausa forte, mas pelo uso do ponto e vírgula, dos dois-pontos e, sobretudo,

---

\* Para maiores informações sobre esse processo na língua portuguesa, cf. Quednau, 2000, p. 33 e ss. (N. da T.)

da vírgula. Particularmente, certos editores repartem, com cuidado, o texto para isolar os elementos da oração, facilitando, assim, a sua compreensão. Já outros editores utilizam a vírgula com parcimônia. No caso do uso das letras iniciais em maiúscula, também existem divergências. O Comitê Internacional de Diplomática recomenda escrever com maiúscula *Deus* (Deus), *Dominus* (o Senhor), *Virgo* (a Virgem), bem como utilizá-la para os adjetivos derivados de nomes próprios (*Parisiensis*, parisiense; *Cisterciensis*, cisterciense). Há ainda os casos em que se utiliza a maiúscula para facilitar a leitura e a compreensão, designando, especialmente, os nomes de lugares e de pessoas que poderiam ser confundidos com nomes comuns (por exemplo, *vicus*, aldeia, é diferente de *Vicus*, Vic (-sur-Seille)).\*

b) Os textos manuscritos

*Notícia\*\* de Marmoutier, A.D. Maine-et-Loire 40 H 1*

Transcrição

*Omnibus notum fieri volumus quod Gausfredus de Baraceio calumniabatur nobis monachis scilicet Maioris Monasterii apud Dalmariacum manentibus terram quandam quam Rainardus cognomento Choerius et uxor ejus nomine Maria de Rogeio nobis dederant pro animabus suis, propterea scilicet quod filiam eorum Richildem nomine duxerat conjugem. Postea vero propter Dei et beati Martini amorem atque nostrum concessit eam nobis in perpetuum coram Girardo de Doxeio, accipiens inde quasi pro caritate centum solidos a domno Ernaldo ipsius tunc obedientiae priore, Girardo eodem concedente et propter ipsam concessionem XX solidos recipiente. Cujus utriusque concessionis testes hi sunt: Jaguelinus, Mainardus de Praia, Drogo famulus, Hubertus Nigrum Dorsum, Rainardo de Cortice. Postea quoque in die Exaltationis sanctae Crucis perrexerunt simul ad castrum quod Matefelon dicitur supradictus*

---

\* Neste caso, trata-se de uma referência à comuna, que, segundo os padrões medievais, era, em níveis populacional, econômico e político, superior à vila. No exemplo citado, os autores referem-se a Vic-sur-Seille, que é uma comuna francesa localizada no departamento de Moselle, na Lorena. (N. da T.)

\*\* *Notícia* é um pequeno texto descritivo e explicativo destinado a apresentar sumariamente um tema particular. (N. da T.)